

Hora de mudar

É desalentador sentir a insegurança traduzida pelo chamado “medo do crime”. Todas as possíveis considerações sobre política e economia (em seu sentido mais amplo), supostamente cruciais na vida social, passam a ser fúteis diante da insegurança pública. Para existir como “ser social” é preciso, antes, estar vivo e sem as lesões tanto físicas quanto emocionais produzidas pelo crime e pela violência. As mortes violentas, incidindo hoje no Brasil, devem superar a marca de 100 mil ocorrências, aí, considerados os óbitos por homicídios dolosos, latrocínios e violência no trânsito. O “quinhão” disso, até mesmo na outrora idealizada “Ilha da Fantasia” — Brasília, Distrito Federal — levou sua comunidade a uma “grita geral” na última semana de janeiro de 2014.

Desalento maior é perceber a “naturalização” do crime e da violência no país inteiro. Coisas extremas da barbárie, incluindo “decapitações” (presídio de Pedrinhas, no Maranhão), “queimaduras letais” (transportes coletivos incendiados criminosamente em São Paulo) e “assassinatos aleatórios” (Águas Claras, no Distrito Federal), passaram a fazer parte das nossas “imagens do cotidiano”. E o desalento passa a ser tão mais verdadeiro quando, cada vez mais, a barbárie atual é tratada como mero “óbice eventual”, vis-à-vis um evento festivo global como será a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e que acontecerá em poucos meses mais.

Mais do que mudar ou manter o grande “rumo político e econômico”, precisamos mudar em nossos critérios — na “segurança que desejamos”. Talvez precisemos mudar, essencialmente, assimilando e reagindo construtivamente diante da dor, da lástima e do medo das milhares de comunidades e famílias brasileiras afetadas pela insegurança pública generalizada. Sim, certamente precisamos mudar, sob pena de desaparecermos pela estúpida e desnecessária extinção pelo crime e pela violência. Caso de polícia? Ou de urgência de uma grande e profunda reestruturação da segurança pública, enquanto prioridade política nacional e da própria capital do país?

George Felipe Dantas é consultor em segurança pública